

A Geração Alpha no (Re) inventar da Nova Biblioteca Escolar: um Chamado a ‘Missão’ da Biblioteca, um Chamado ao Real Ofícios dos Bibliotecários

The Alpha Generation in Reinvent of the New School Library: A Call to the Library's 'Mission', a Call to Real Librarian Crafts

La Generación Alfa en (Re) Inventar de la Biblioteca de la Nueva Escuela: Un Llamado a la "Misión" de la Biblioteca, un Llamado a los Oficios Reales de Bibliotecarios

*Sandra Maria Souza de Carvalho¹
Antonio Luiz Mattos de Souza Cardoso²
Marcelo Calderari Miguel³*

Resumo: Analisa as projeções imaginárias do estudante da Geração *Alpha* no processo de significação discursiva ao explicar o construto da biblioteca escolar e assim, se alcança as representações oratórias das descobertas que a ambiência arquiteta nos novos nativos digitais. A análise de discurso é a base teórica e metodológica que fundamenta o estudo e, as entrevistas com os estudantes são o fio condutor do processo de significação discursiva acerca da ambiência e suas transformações. O resultado sumariza a historicidade do discurso e abre reflexões acerca do corpus temático de sentidos embutindo na fala dos discentes. Conclui-se que as crianças veem a biblioteca como um lócus específico de livros – novos, de diferentes estilos, de distintos suportes, com dever lúdico e interativo; e portanto, a instituição deve ter o bibliotecário como um mediador da informação, um ser capaz de se reinventar constantemente e atuar em multivias dinâmicas e sociodigitais de cidadania e da prática leitora.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Análise do discurso. Nativos digitais. Sociedade do conhecimento.

Abstract: It analyzes the imaginary projections of the student of Generation Alpha in the process of discursive meaning when explaining the school library construct and, thus, the oratory representations of the discoveries that the ambience architect in the new digital natives are reached. Discourse analysis is the theoretical and methodological basis that underlies the study and, interviews with students are the guiding thread of the process of discursive meaning about the environment and its transformations. The result summarizes the historicity of the discourse and opens reflections on the thematic corpus of meanings embedding in the speech of the students. It is concluded that children see the library as a specific locus of books

1 Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil, e-mail: sandramsc@hotmail.com

2 Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil, e-mail: antonio.cardoso@ufes.br

3 Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil, e-mail: marcelo.miguel@edu.ufes.br

- new, of different styles, of different supports, with a playful and interactive duty; and therefore, the institution must have the librarian as a mediator of information, a being capable of constantly reinventing itself and acting in dynamic and sociodigital multi-ways of citizenship and reading practice.

Keywords: School library. Speech analysis. Digital natives. Knowledge society.

Resumen: Analiza las proyecciones imaginarias del alumno de la Generación Alfa en el proceso de significado discursivo al explicar el constructo de biblioteca escolar y, así, las representaciones oratorias de los descubrimientos que el arquitecto ambiental en los nuevos nativos digitales son alcanzados. El análisis del discurso es la base teórica y metodológica que subyace al estudio y las entrevistas a los estudiantes son el hilo conductor del proceso de significado discursivo sobre el entorno y sus transformaciones. El resultado resume la historicidad del discurso y abre reflexiones sobre el corpus temático de significados incrustados en el discurso de los estudiantes. Se concluye que los niños ven la biblioteca como un lugar específico de libros, nuevos, de diferentes estilos, de diferentes soportes, con un deber lúdico e interactivo; y por tanto, la institución debe tener al bibliotecario como mediador de la información, un ser capaz de reinventarse constantemente y actuar en múltiples formas dinámicas y sociodigitales de ciudadanía y práctica lectora.

Palabras clave: Biblioteca de la escuela. Análisis del discurso. Nativos digitales. Sociedad del conocimiento.

1 NOVOS OLHARES PARA O AGORA E O AMANHÃ

O mundo encontra-se em uma fase de intensas transformações, resultantes dos avanços tecnológicos alcançados pelo ser humano, proporcionando grandes modificações, dentre essas se pode citar a agilidade e facilidade de acesso às informações que provocam a difusão e troca de ideias, mas que também podem causar problemas se utilizadas em excesso. Nesse cenário, se habitam os desafios da mudança e surge a Geração *Alpha* (ou alfas ou geração de vidro - por causa das telas) para designar a nova descendência de crianças a primeira a ser 100% digital, nascidas a partir de 2010.

“Geração”, no corpo de vocábulo do dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância, designa um grupo de pessoas nascidas no contexto da cultura digital; a expressão surgiu no século XX no bojo da sociedade da informação, ou seja, de maneira geral são reconhecidos como pessoas que nasceram e cresceram em meio ao intenso desenvolvimento tecnológico das últimas décadas e partilham da mesma vivência com características determinadas (MILL, 2018, p. 290). E, para Fúria (2014) – fundadora do *Playground* da Inovação - empresa de consultoria de Inovação em Psicologia e Educação – discutir a ‘Geração *Alpha*’ é ter atenção para a primeira infância de hoje e entender o conceito

de geração é ato imprescindível para se ter a noção de como sucedem as movimentações sociais ao longo da história.

De acordo com o sociólogo australiano McCrindle (2009), que utiliza o termo na designação da geração, como indivíduos que estão constantemente conectados à internet e assim, nasceram num ambiente que a tecnologia é a extensão da vida e a principal forma de conhecer e interagir com o mundo.

Alguns autores adotaram o termo ‘*Alpha*’ para classificar as pessoas nascidas a partir de 2010; esse termo foi utilizado na literatura pela primeira vez pelo sociólogo australiano Mark McCrindle, em 2009, tendo em vista que, após a Geração Z, não havia mais letras no alfabeto latino, então decidiu dar sequência utilizando a primeira letra do alfabeto grego, ‘ α ’, visto que essa nova geração, a qual ele chama de Geração *Alpha*, representa grandes mudanças comportamentais (MUSSIO; VALIDÓRIO, SILVA, 2019, p. 6).

Assim, essa pesquisa tem por objetivo geral observar as projeções imaginárias dos estudantes da ‘Geração *Alpha*’ no processo de significação discursiva acerca da biblioteca escolar tendo o bibliotecário como mediador da informação. Para tanto, buscamos responder à seguinte questão de pesquisa: qual representação os estudantes *Alphas* têm da biblioteca escolar e, como tal ambiente se funda nas percepções desse usuário.

Diante de nosso objetivo geral, traçamos três objetivos específicos: a) relacionar e apontar a representação da biblioteca escolar pelos *Alphas*; b) compreender a evidência das imagens relatadas pelos alunos ao falar da ambiência da biblioteca escolar e das suas inter-relações; c) analisar o lugar social e lúdico dos ‘*Alphas*’ que enuncia uma posição discursiva sobre o que há ou o que falta nesse ambiente. Como problema da pesquisa, foram estabelecidas as seguintes perguntas: O que representa a biblioteca escolar para você? Existe alguma (evidência de) falta, falha, carência, *déficit* na biblioteca?

Destarte, diante das sensibilizações da infoera e parafraseando Freire (2014, p. 47) se apreende que “fazer a história é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado”; e isto, portanto, sinaliza que o envolvimento dos discentes no processo de conquista da biblioteca e na sua dinamização é condição *sine qua non* para que ela cumpra um papel de evidência dentro da instituição escolar.

Para cumprir os objetivos dessa pesquisa, se busca na base teórico-metodológica a Análise de Discurso de linha francesa, especificamente, a vertente representada por Pêcheux (1995). Para tanto, as respostas obtidas em torno do tema biblioteca escolar pela Geração *Alpha*, que foram: a representação, significado, definição e possíveis lacunas, apontam para a

visão que os discentes tem em relação a ambiência estrutural-edificação, seus pré-construídos sobre a biblioteca.

A biblioteca escolar é um espaço democrático conquistado e construído através do fazer coletivo de alunos, bibliotecários, professores e demais grupos sociais, sua função básica é a transmissão da herança cultural as novas gerações de modo que elas tenham condições de apropriar-se do passado e enfrentar os desafios do presente e projetar-se no futuro. Destarte, é importante frisar que as bibliotecas escolares têm sido objeto de “profunda discussão e reflexão [quando se] aborda a questão da leitura e da pesquisa como elementos essenciais para o desenvolvimento dos alunos na sociedade contemporânea ou também na proclamada era da informação” (BASTOS; PACÍFICO; ROMÃO, 2020, p. 622).

A seguir, se adentra no estado da arte que é efetivar a conexão com a temática a ser explanada no trabalho.

2 SURGE A GERAÇÃO *ALPHA* E UMA NOVA ERA NAS BIBLIOTECAS ESCOLARES

E, quando pensa que “ninguém seria capaz de superá-los [nativos digitais] em conhecimentos sobre tecnologia eis então que surge a geração *Alpha*: precoces, curiosos, espertos, conectados e facilmente adaptáveis às novas tecnologias” (ANDRION, 2020, p. 1). Assim, na seção a seguir se explana aspectos da ‘Geração *Alpha*’ e o inovar da biblioteca diante o erguer desafiante da inteligência artificial e telas digitais.

2.1 O ERGUER DA GERAÇÃO *ALPHA*, SUAS DINÂMICAS E VIAS TECNOLÓGICAS

É incrível pensar como o mundo muda em curtos períodos de tempo; a cada geração, mudam as formas de se relacionar, de se comunicar, até mesmo de trabalhar e de enxergar a realidade. Nos últimos anos, as mudanças vêm se tornando cada vez mais rápidas e profundas. Isso está ligado aos avanços tecnológicos e influência diretamente a formação da Geração *Alpha*, ou seja:

A chamada Geração *Alpha* é a primeira geração nascida no conjunto da tecnologia digital, o que, em termos cronológicos, esbarra em meados dos anos 2010 [...] É notório que essa geração aprende enquanto se diverte, joga e interage em ambientes informais, sem professor, sem os pais e por conta própria. É o aprendizado informal que acontece pela web. Apesar de estarem inseridas no lazer e sem relação com currículo escolar, essas práticas e informações são extremamente relevantes e estão ligadas às novas formas culturais da Geração *Alpha*. Porém, o consumo de conteúdo supérfluo e o entretenimento vazio são problemas para a maioria das crianças e jovens das últimas gerações (FURTADO, 2019, p. 427).

Viegas (2015), Oliveira e Cruz (2016) e Furtado (2019) apontam que as tecnologias virtuais figuram entre os principais instrumentos de brincar da nova geração. Assim, cada vez mais as crianças estão conectadas ao mundo virtual e participam do mundo cada vez mais digital em termos de parcerias e realizações. E dessa forma, alguns apontamentos indicam que os *Alphas* seriam a geração mais inteligente de todas – essa é a percepção ao se ver as crianças inseridas em ambientes com estímulos constantes de um mundo de telas. Desta forma, se entende que:

[...] a Geração *Alpha* iniciou seus estudos mais cedo nas escolas, em razão disso, esta geração terá uma educação mais formal que as anteriores. Por esta razão, e pela alta variedade de informação disponível, essa geração terá um nível educacional maior, além de ser a primeira a experimentar um sistema escolar modernizado, isto é, um sistema híbrido, personalizado, baseado em projetos, com foco no aluno e não no conteúdo. Esse é o diferencial com o qual essa geração irá se envolver. A Geração *Alpha* é formada por crianças que, desde seu nascimento, vivem em uma época na qual o mundo está coberto por tecnologias, com isso elas se adaptam à tecnologia com maior facilidade que as gerações anteriores, já que esse é um aspecto tecnológico que está implícito a esta geração, em virtude da facilidade de acesso ao conhecimento e às tecnologias disponíveis (MUSSIO; VALIDÓRIO; SILVA, 2019, p. 7).

A ‘Geração *Alpha*’ é a mais influenciada pela era tecnológica, pois seu marco de início de 2010 se deve ao lançamento do primeiro *ipad*, e desde então esses alunos interagem com o mundo através de tecnologias praticamente desde o nascimento. Essas crianças se sentem mais confortáveis navegando com um *tablet* ou falando com um assistente de voz do que a maioria dos adultos hoje. Os *Alphas* valorizam muito mais as experiências do que os objetos e bens materiais e, sempre buscam inventar, interagir e se conectar de forma intensa e observadora.

Mais livres, atentos, versáteis, questionadores, hiperestimulados e hiperconectados, a Geração *Alpha* chegara aos 2 bilhões de pessoas em 2025 e promete trazer mudanças ainda mais profunda para a sociedade (ANDRION, 2020, p. 1). Assim, tudo ao redor dos *Alphas* é digital e assim, a tecnologia se torna uma extensão de sua vida – sendo considerada a principal configuração para se conhecer e interagir com o mundo (MUSSIO; VALIDÓRIO; SILVA, 2019).

A visão de mundo dos *Alphas* é gerida sobre o conceito de igualdade – assim, eles enxergam cada vez menos barreiras entre as pessoas, descobrem a diversidade com naturalidade, para essas crianças, ser diferente é normal, essa geração apresenta comportamento menos limitado pelos estereótipos. As crianças que pertencem a geração

Alpha são expostas a estímulos constantes, e estão rodeadas de máquinas inteligentes e imersivas – logo o perfil geracional é ímpar e evidencia uma era digital e conectada.

[Diante do exposto], pondera-se que, em relação à Geração *Alpha*, considerada a primeira geração a nascer do século XXI, tudo é inédito e desconhecido, de modo que é prematuro qualquer afirmação sobre que consequências terá no futuro, seu modo atual de consumir informação, notadamente devido aos diferentes meios de envolvimento promovidos pela leitura e escrita na web [...] Com efeito, merece preocupação que, apesar do uso contínuo e rotineiro, as crianças ainda não exploram todo esse potencial no exercício de sua criatividade, inovação e aprendizagem, priorizando o consumo de conteúdo supérfluo e o entretenimento vazio [...]. Nesse cenário infocomunicacional mediado por tecnologias emergentes, o estudo da informação consumida pelas crianças torna-se tempestivo e imperativo. Para tal sucesso, recomenda-se uma abordagem interdisciplinar, com um trabalho conjunto entre áreas relacionadas à Ciência da Informação, Design, Experiência do Usuário, Interação Criança- -Computador, Educação, Psicologia e toda a cadeia produtiva dos livros (FURTADO; OLIVEIRA, 2020, p. 69).

Na Geração *Alpha*, não existe separação entre o digital e a vida real. Isso faz com que tenham novas formas de se relacionar, de aprender e de experimentar o mundo à sua volta. As tecnologias, as múltiplas telas e a conexão 100 % todo o tempo faz com que os *Alphas* sejam bombardeados com estímulos visuais, sonoros e interativos em qualquer lugar e momento. Isso gera uma aceleração no desenvolvimento de certas habilidades, como fazer mais de uma tarefa ao mesmo tempo e estabelecer conexões entre diferentes assuntos, por outro lado pode prejudicar outras capacidades, como a concentração e a paciência (ANDRION, 2020, p. 1).

As instituições educacionais, especialmente a biblioteca escolar e o profissional da informação que atua nela, devem aproveitar a inclinação da Geração *Alpha* com a tecnologia digital e móvel e descobrir, junto com as novas estratégias para o incentivo ao prazer pelos textos literários e desenvolvimento de competência literária.

2.2 BIBLIOTECA ESCOLAR E BIBLIOTECÁRIOS: REINVENTANDO E ADAPTANDO MULTIVIAS

Conforme aponta Freire (2014, p. 21), se a nossa opção é “progressiva, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, não temos outro caminho se não viver plenamente a nossa opção [e devemos] encarná-la diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos”.

O Manifesto foi preparado pela Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas e aprovado pela UNESCO na sua Conferência Geral em

Novembro de 1999.

Quadro 1- A biblioteca escolar em termos de missão, visão e valores

Missão, Visão e Valores – a Biblioteca Escolar	Manifesto Unesco	Visão & Valores	Ser Bibliotecário
	Propicia informação e ideias fundamentais para o funcionamento bem-sucedido na atual sociedade e isto é se desenvolver em termo de competências para ter aprendizagens ao longo da vida dos alunos e estimular a imaginação	Parte integral do processo educativo a BE busca promover e disponibilizar serviços de apoio à aprendizagem (livros e recursos) a comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios.	Os profissionais da biblioteca apoiam a utilização de livros e outras fontes de informação – isto é preparam os discentes para se tornarem cidadãos responsáveis, protagonista de seu tempo.

Fonte: Elaborado pelo Autores, com base no Manifesto da IFLA (1999).

Severino e Bedin (2016, p. 114) arguem que a biblioteca escolar, é um importante ambiente de “conhecimento, um local de leitura, de estudo, de interação e de compartilhamento [...] não só possui a missão de levar o conhecimento a toda à comunidade escolar, como a de transformar leitores em cidadãos críticos, pensantes, formadores de opinião”. Em síntese, se compreende que a escola ao proporcionar os recursos para concretizar essa visão de biblioteca escolar, também contribui para formar o cidadão do século XXI.

A pesquisa de Carvalho, Aldabalde e Miguel (2020) com a Geração Alpha alerta que a unidades de informação (ora de superação, ora de valorização) do presente e vindouro devem ter e reter a presença de ‘crianças, adolescentes, alunos, bibliotecários, funcionários e comunidade’ – tal sentença é proferida pelos reais usuários (interagentes Alphas) que pensam na dimensão social e humanística em uma biblioteca (escolar, comunitária, pública – na essência da atividades de leitura e alfabetização).

O Manifesto para Biblioteca Escolar, preparado pela *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) e aprovado pela *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) em sua Conferência Geral de novembro de 1999, classifica a biblioteca escolar como parte integrante do processo educativo e apresentam objetivos a serem cumpridos para fins do “[...] desenvolvimento da literacia e/ou competência na leitura e escrita e no uso da informação, no ensino e na aprendizagem, na cultura e nos serviços básicos da biblioteca escolar” (IFLA, 1999). De acordo com o documento do IFLA/UNESCO, para assegurar serviços efetivos e responsáveis, a biblioteca escolar deve ter em seus objetivos:

Quadro 2- Objetivos da biblioteca escolar, seus verbos para direcionar a atuação

Objetivo da Biblioteca Escolar - Literacia, Competência de Informação, Aprendizagem	
Apoiar e promover	os objetivos educativos definidos de acordo com as finalidades e currículo da escola;
Criar e manter	nas crianças o hábito e o prazer da leitura, da aprendizagem e da utilização das bibliotecas ao longo da vida;
Proporciona	oportunidades de utilização e produção de informação que possibilitem a aquisição de conhecimentos, a compreensão, o desenvolvimento da imaginação e o lazer;
Apoiar	os alunos na aprendizagem e na prática de competências de avaliação e utilização da informação, independentemente da natureza e do suporte, tendo em conta as formas de comunicação no seio da comunidade;
Providencia	acesso aos recursos locais, regionais, nacionais e globais e às oportunidades que confrontem os alunos com ideias, experiências e opiniões diversificadas;
Organizar	atividades que favoreçam a consciência e a sensibilização para as questões de ordem cultural e social;
Trabalhar	com alunos, professores, órgãos de gestão e pais de modo a cumprir a missão da escola;
Defender	a ideia de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania efetiva e responsável e à participação na democracia;
Promover	a leitura, os recursos e serviços da biblioteca escolar junto da comunidade escolar e fora dela.

Fonte: Manifesto da biblioteca escolar IFLA (1999).

Incentivam-se todos os responsáveis a nível local e nacional e a comunidade de bibliotecários em todo o mundo a aplicar os princípios deste Manifesto. De acordo com o documento, para assegurar serviços efetivos e responsáveis, a biblioteca escolar deve: prover acesso a oportunidades, serviços e à informação a todos os membros da comunidade.

A biblioteca escolar – um centro difusor do fazer educativo e indispensável para busca por novos caminhos e legitimação de espaços – deixa de ser considerada um apêndice, e passa a assumir o seu adequado lugar na escola. Assim, num rol de desafios atuais, há que se lembrar do que foi posto há três décadas:

E daí, nesse momento de tantas carências e frustrações na área da educação brasileira, talvez a construção e a conquista coletiva de biblioteca escolar possam se transformar em fatores de reencontro participação e integração. E daí, quando ensino público – por diferentes motivos – perde sentido e substância, talvez a implantação de bibliotecas possa recolocar os eixos da escola nos seus devidos lugares combatendo a ignorância e abrindo perspectivas para maior conhecimento do mundo. E daí? E você? (SILVA, 1989, p. 33).

Para Maroto (2012, p. 75), a biblioteca escolar é um “centro difusor do conhecimento produzido pela coletividade, constituindo-se, dessa forma, na primeira oportunidade concreta de acesso ao patrimônio científico e cultural, para a maioria das crianças brasileiras ao ingressarem na escola pública de ensino fundamental”.

O que se pretende, com tal comportamento profissional, é fazer com que a biblioteca escolar seja o agente de transformação do ensino, à medida em que provoque mudanças pedagógicas na escola. No caso do Brasil, que passa neste momento por tantas carências e frustrações em vários segmentos da sociedade, principalmente na área educacional, talvez a construção e a conquista coletiva da biblioteca possa transformar a escola em ponto de reencontro, participação e integração (FRAGOSO, 2005, p. 1).

Andrade (2008, p. 15) completa que os ideais da biblioteca se faz como uma esfera capaz de trazer e fazer diferenças no meio social; para a autora, a “biblioteca, instituição milenar que durante séculos garantiu a sobrevivência dos registros do conhecimento, tem agora seu potencial reconhecido como partícipe fundamental do complexo processo educacional”. Nessa esfera, a informação e o conhecimento são destaque central na evolução planetária, a biblioteca faz realmente diferença para que crianças e jovens tenham inserção social e realização como ser humano (Ibid, 2008).

Campello (2008, p. 11) afirma que a biblioteca é, “sem dúvida, o espaço por excelência para promover experiências criativas de uso da informação” e a escola não apenas transmite conhecimentos, mas a amplifica para o futuro e para outros cenários da convivência. Nesse contexto, há o papel indispensável da biblioteca e do bibliotecário que deve promover o aprender a aprender, dinamizar experiências construtivistas, expandir horizontes que dura à vida inteira.

Assim, esclarece Campello (2009, p. 58-59), a prática dos bibliotecários “de bibliotecas escolares no Brasil reflete a importância que eles conferem à colaboração com os professores [...] e não só entendem [os bibliotecários] a importância do trabalho com os professores como também atuam em diversos níveis de colaboração na escola”. Na complexa tarefa de educar, a biblioteca escolar se faz presente no palco escolar para incrementar o processo de desenvolvimento de produtos e serviços – assim atua, de forma cidadã e pedagógica no preparo de cenários vindouros, na mobilização social e criticamente, na arte de empoderar e renovar ações em pró da vida que importa para todos nós.

O bibliotecário escolar tem uma capacidade polivalente de atuação que começa por sua formação, a interdisciplinaridade dentro dos cursos de graduação e o incentivo para a exploração de talentos, aptidões e potencialidades do profissional enquanto acadêmico. É um profissional que precisa apresentar liderança, confiabilidade, criatividade, dinamismo e ainda transitar por diversas áreas. Este alto número de competências e responsabilidades agregam valores e status ao profissional que passa a possuir um alto nível de know-how ampliando, a cada conhecimento adquirido e a cada aptidão potencializada, a sua empregabilidade.

3 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

O município de vila velha também está caminhando no sentido inovador de incentivo à leitura, realizando concursos, investindo na revitalização das bibliotecas escolares, e na formação dos bibliotecários, inclusive já se destacando nas últimas avaliações de desenvolvimento da educação básica.

Assim, essa pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, realizado por meio de uma pesquisa de campo (maio de 2019) na biblioteca escolar Dr. Tuffy Nader, com alunos do primeiro ao quinto ano e gênero feminino e masculino, durante o período matutino e vespertino em dias úteis. Com a finalidade de atender às assertivas que estabelecem os princípios éticos para a realização da pesquisa, elaboramos os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que informa os objetivos do estudo, conforme orientações do CEP25. Com vistas a afirmar a autorização dos participantes envolvidos no movimento de produção dos dados, entendemos que o TCLE se constitui como um documento primordial para os encaminhamentos necessários da dinâmica de desenvolvimento da pesquisa. Destarte, os termos foram endereçados aos professores participantes da pesquisa, à gestão da Umef Dr. Tuffy Nader e à Secretaria de Educação do município, com os quais também compartilhamos as ações desenvolvidas com a pesquisa. Portanto, com base nos pressupostos teórico-metodológicos que conduziram a trajetória do estudo, se delineia neste tópico as principais ações do percurso metodológico da pesquisa, focalizando os procedimentos elencados para a produção de dados. Acena-se assim, um movimento ético reflexivo, para a análise dos dados do estudo – produzidos por meio do encontro com os docentes nos processos formativos na Educação Infantil (em processo de consolidação), assunto detalhado no subtópico a seguir.

3.1 ÉTICA NA PESQUISA

Os procedimentos éticos dessa pesquisa estão pautados na Resolução 510 de 07 de abril de 2016, do Ministério da Saúde, da Comissão Nacional de Ética em pesquisa. O presente projeto registrado na Plataforma Brasil CAAE nº 04351518.8.0000.5542, obteve o Parecer Consubstanciado do CEP, número do Parecer: 3.147.73714. Elaboramos para esse estudo o documento Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias exclusivamente, resguardando ambas as partes de possíveis complicações futuras. Além do TCLE, foi elaborada a Carta de Anuência da Instituição Coparticipação e o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em pesquisa (CEP). Outro aspecto ético, não contemplado por projeto e registros é a atitude fenomenológica pautada pela presença, e, estar

com escuta, respeito às diferenças. Muito mais do que leis, está a postura dos pesquisadores de compromisso e paixão, conhecimento e ousadia. Nesse sentido, a coleta de dados se deu pelo questionamento dos entrevistados de forma direta que, conforme Lakatos e Marconi (2005, p. 186) se constitui "no levantamento de dados no próprio local onde os fenômenos ocorrem".

Assim sendo, a abordagem de pesquisa se situa prioritariamente no paradigma de interacionismo simbólico – que trata das ‘atribuições dos significados subjetivos’ dados pelos indivíduos aos objetos, às atividades e aos ambientes em que vivem ou coabitam (ARAÚJO; OLIVEIRA; FERNANDES, 2005). E, buscando atingir os objetivos da pesquisa, a análise deste trabalho se encarrega de duas perguntas aplicadas aos discentes ‘*Alpha*’ da biblioteca da Unidade Municipal de Educação Fundamental (UMEF) Dr. Tuffy Nader, localizado no município de Vila Velha - ES.

As perguntas que elaboramos foram direcionadas aos estudantes com idade abaixo de 10 anos, ou seja, alunos dos primeiros aos quintos anos. As perguntas das entrevistas seguiram um roteiro livre de abordagem e após isso recebeu tabulamento descritivo e analítico. As duas perguntas que serviram de base para esse estudo e formularam o problema da pesquisa foram:

- O que representa a biblioteca escolar para você?
- Existe alguma (evidência de) falta, falha, carência, *déficit* na biblioteca?

As perguntas selecionadas para compor o material de diagnóstico tiveram como critério a apresentação de regularidades discursivas nas respostas dos alunos durante os horários de atividades literárias e culturais na biblioteca. Entende-se por Análise do Discurso (AD) que situa o exame a partir da estrutura textual para compreender as construções ideológicas presentes no conteúdo das falas, colocações dos interagentes com a temática.

Na Análise do Discurso (AD) se trabalha com recortes considerando que não precisamos mostrar todo o corpus, visto que trabalhamos com regularidades discursivas, o que tornaria as respostas repetitivas. Mostramos as regularidades e as articulamos com os conceitos sem repetir demasiadamente as validades nem apresentar excesso de material de análise. A AD é a base teórica e metodológica adotada para esta pesquisa, é um campo da linguística que estuda aspectos ideológicos presentes nos diálogos.

Nessa perspectiva, abordamos alguns dos principais conceitos da AD em nossas análises, tais como: memória discursiva e o interdiscurso de formações imaginárias. A memória discursiva remete ao modo como o trabalho de uma memória coletiva permite a retomada, a repetição e também o esquecimento desses elementos de saber que são os enunciados (POSSENTI, 2001). Já o interdiscurso é definido por Fernandes (2007, p. 65-66)

como a presença de diferentes discursos, oriundos de diferentes lugares sociais, entrelaçados no interior de uma formação discursiva.

O sentido que um discurso reproduz está na relação direta com o lugar do qual ele é produzido/enunciado e, para Pêcheux (1995) e Courtine (2009) a imagem e a memória se dão num jogo de forças de deslocamentos e retomadas e, o que é o ‘esquecimento’ reflete o efeito de um sentido que não preexiste à formação discursiva em que ele se constitui.

4 DISCURSO E AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS: IMAGENS & RECORDAÇÕES

Neste tópico, se discute alguns conceitos relacionados a AD de linha francesa e também métricas particulares a estatísticas. A AD conforme Gadet e Hak (1997) é entendida como um método e teoria que nos auxilia na compreensão, na reflexão, sobre a construção dos efeitos de sentido dos discursos que circulam na sociedade. Já a abordagem estatística envolve os discentes *Alphas* – Anos Iniciais contempla a primeira etapa do segmento, bem como estudantes e professores do 1º ao 5º ano como conforme a ilustração a seguir (Tabela 1).

Tabela 1 - Quantitativo de alunos entrevistados por série, idade e frequência.

Serie/idade	1s	2s	3s	4s	5s	Quant.	Perc.
6 anos	17	1	-	-	-	18	11,3%
7 anos	-	33	-	-	-	33	20,8%
8 anos	-	1	35	1	-	37	23,3%
9 anos	-	2	-	36	1	39	24,5%
10 anos	-	-	1	11	20	32	20,1%
Quant.	17	37	36	48	21	159	100,0%
Perc.	10,7%	23,3%	22,6%	30,2%	13,2%	100,0%	1

Fonte: Elaborado pelos Autores, com dados da pesquisa (2019).

Para a AD é preciso entender as condições de produção do discurso, os sujeitos, as materialidades significativas e a partir disso pensar as várias possibilidades de significação do que fora dito e do que fora silenciado pelo discurso enunciado. Para Pêcheux (1995, p. 53), os enunciados são descritíveis linguisticamente como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação; os sentidos sempre podem ser outros.

Gadet e Hak (1997) explicam que a AD considera ainda a história, os processos de subjetivação de cada discurso e não apenas o que fora dito ou escrito. Não interessa a este tipo de metodologia saber o motivo pelo qual tal discurso se constituiu e sim entender o como ele significa na sociedade. Ao encontro do recorte de nosso corpus teórico, Identifica-se e problematiza-se que a construção da imagem da biblioteca escolar no discurso do sujeito estudante (*Geração Alpha*) do mesmo modo também identifica a passagem social e da

propositiva do discurso (o movimento discursivo coletivo).

4.1 O QUE REPRESENTA A BIBLIOTECA ESCOLAR PARA A GERAÇÃO ALPHA

Como se verifica nos diálogos/entrevistas e apontamentos dos alunos *Alphas*, a imagem que a biblioteca expressa para esses alunos nascidos na era digital, é que a biblioteca é um lugar de aprendizados (de aprender a ler), um espaço de estudos (ensino, inteligência) e uma ambiência para ter o acesso amplo a livros, leitura. A ilustração a seguir (Tabela 2) sintetiza esse regate.

Tabela 2 – O que designa a essência da biblioteca no quantitativo de novos nativos digitais

O que representa a biblioteca escolar para você?	Quant.	Perc.
Boa, muito boa, bom local – ótimo lugar de informação.	40	17,1%
Bonita, bem bonita, lugar que provoca o belo – significativo.	19	8,1%
Divertida – como local de felicidade, sonhos e realizações.	24	10,3%
Gosto muito, gosto demais, sinto muito gosto aqui – atraí.	39	16,7%
Legal, muito legal, bem legal – ambiente interessante, bacana.	63	26,9%
Mágica, encantadora – espaço de práticas interativas e lúdicas.	15	6,4%
Massa, muito maneira – ambiente de encontros e sociabilidade.	11	4,7%
Útil, educativa e muito especial – lugar de ensino, ambiente de estudo.	23	9,8%

Fonte: Os Autores com base na aparição de vocábulos em falas; maio de 2019, Vila Velha - ES.

O construto de biblioteca pelas crianças também vem assinalado como um retrato de diversão, felicidade, sonho, harmonia, tranquilidade e encantamento. Os novos nativos digitais se sentem bem na biblioteca, acham que o local representa alegria – uma expressão literal de lar. “A biblioteca da escola representa minha casa, isso porque quando eu venho aqui e vejo esse monte de livros e quero levar tudo para minha casa, logo minha casa e a biblioteca tem ligação e eu leio muito em casa e lembro daqui” (Alun@ BR – 3º ano, 9 anos).

Assim, primeiramente, buscamos identificar no material de análise as regularidades identificadas pela repetição linguística de termos. Observamos nas respostas obtidas com a primeira pergunta – O que expressa ou representa a biblioteca escolar? – a recorrência de alguns termos que serão destacados a seguir:

A biblioteca escolar é um lugar legal onde eu aprendo a leitura de livros. O que falta é inteligência de aprender a ler, porque aqui é um espaço para se aprender a ler livros e estudar. Têm criança que não aproveita o momento para ser legal e útil [...] e o lugar aqui é bem bacana, tem livros, e mais livros para sentir muito legal o ambiente (Alun@ K – 1º ano, 6 anos).

Muito legal é a biblioteca! Para mim não falta nada, a única coisa que precisa é que todo mundo fique em silêncio, quando a senhora conta história. Pelo que sei a biblioteca deve ser lugar de silêncio, e adoro histórias, ouvir e participar [...] A

biblioteca, lugar muito divertido, atrai o que é educativo; a gente ouve e pode aprender sendo provocado e tenho muito mais sonho, informação e sentidos (Alun@ BB – 2º ano, 7 anos).

Eu acho que a biblioteca tem muitos livros para a gente aprender a ler muito. Acho que não falta nada porque aqui já tem bastantes livros [risos]. O espaço é muito legal demais! [eleva a voz] O que falta é ter mais horários na biblioteca, porque eu amo vim pra cá. É o ambiente da escola que eu mais gosto e que acho bom, é incrível ver a tia contar historias e preparar o lugar para ficar muito mais belo (Alun@ DG – 4º ano, 10 anos).

Chama atenção, ainda, a escolha do termo “legal”. Ao pesquisar o uso do termo descobrimos que a palavra legal é utilizada de forma mais comum pelos discentes como “algo bacana/bom” sendo empregada na descrição. Para Pêcheux (1995) as formações imaginárias são as imagens que os interlocutores fazem de si mesmos, do outro e do objeto do discurso.

Assim, se observa que o modo pelo qual a biblioteca foi reportada dentro do jogo das formações imaginárias pode ser considerado como um local lúdico. Dessa forma, podemos analisar o posicionamento refletivo da atmosfera da biblioteca pelo sujeito no discurso, compreende a um dos objetivos específicos desse estudo. Isso porque, se percebe que o lugar social do qual o aluno enuncia é aderente a sua posição discursiva.

Figura 1 - Word cloud da alocação dos Alphas na definição da biblioteca escolar



Fonte: Os Autores (*graphical representation of word frequenc*); maio 2019, Vila Velha/ES.

Para o pesquisador Pêcheux (1995, p. 163), quando “o sujeito” diz “eu”, o faz a partir de uma inscrição no simbólico e inserido em uma relação imaginária com a “realidade” e as condições de produção englobam tudo aquilo que pode e deve ser dito em dado momento e

local. Verifica-se também que com os múltiplos jogos que surgem entre a referência, de um lado, a memória coletiva desse grupo social, estudantes que frequentam a biblioteca escolar, sustenta o pró-construído que a biblioteca é um espaço de leitura e aprendizagem, a maioria dos *Alphas* percebe o ambiente como um lugar divertido, de felicidade, mágica e encantadora.

Há, assim, uma importância inequívoca dos ‘livros’ e da biblioteca em ambiente escolar, mas nem sempre o espaço de leitura está associado com a biblioteca e, nesse contexto Martins (2019, p. 7) cita que – as bibliotecas escolares têm uma ‘centralidade’ na formação leitora e são a condição para acesso a variados tipos de livros e textos além dos comuns a livrarias.

4.2 EXISTEM *LACUNAS*? O SITUAR DE POSSÍVEIS *DÉFICITS* NA AMBIÊNCIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR

Pode-se observar que o pré-construído que sustenta a imagem da biblioteca acerca da Geração *Alpha* da Umef Dr Tuffy Nader remete a lacuna do imobiliário como principal déficit da biblioteca. Outros *gaps* apontados pelos alunos diz respeito ao acervo, iluminação e ventilação da biblioteca, conforme representado na Tabela 3.

Tabela 3 - Síntese *déficit* ou lacunas na biblioteca para a Geração *Alpha*

Evidência de falta, falha, carência, déficit na biblioteca?	Quant.	Perc.	% Acum.
Falta computador / TV / Internet / Tecnologia / Atualidade	32	10,3%	10,3%
Falta inteligência para aprender a ler / Falta saber ler	10	3,2%	13,5%
Falta silêncio / Organizar a movimentação	23	7,4%	21,0%
Faltam jogos / games / brinquedos	27	8,7%	29,7%
Faltam lâmpadas / ar condicionado / ventiladores	40	12,9%	42,6%
Faltam livros novos (novidades / para crianças, os pequenos)	53	17,1%	59,7%
Faltam mais pessoas lendo / leitores / praticantes	15	4,8%	64,5%
Faltam mesas, cadeiras, estantes (no tamanho apropriado)	39	12,6%	77,1%
Não falta nada / Nada falta / Têm tudo o que é esperado	32	10,3%	87,4%
Não sei / Nem imagino	20	12,6%	100,0%

Fonte: Os Autores, a base é a contagem dos registros diante a transição das entrevistas, maio 2019.

Percebe-se assim que essa memória que passou a ser coletiva, sustenta as respostas enunciadas pelos alunos *Alphas*. Logo, se apreende que as memórias e suas reminiscências têm múltiplas indicações socioeducativas e outras tangíveis. Assim, a realidade e a memória social não são apenas registros, mas que existe uma equidistância entre elas. Sendo assim, observamos uma mudança no discurso da maioria dos entrevistados, como mostra o nosso recorte a seguir:

Acho que a biblioteca expressa algo muito legal! O que falta eu não sei ué [suspira] porque eu gosto muito de ler e aqui foi a única biblioteca que eu fui na

vida. Acho eu que falta só um pouco mais de livros e posso falar que o lugar é legal, para mim é bom e bacana esse ambiente, porque aprendi coisas com os livros, e levo para casa (Alun@ BZ – 3º ano, 8 anos).

Acho a biblioteca bem bonita e legal! Queria pegar todos esses livros e levar para casa (...) [pausa, ri] porque eu gosto muito de ler nessa biblioteca mas falta cadeiras e estantes novas e cortinas, as crianças precisam ter outros tipos de livros diferentes – gibis, as histórias em quadrinho, livros legais, livros novos, livros divertidos e de ação, e também livros para pintar e até bíblia pelo que vejo, a biblioteca é isso e precisa de livro de todos os tipos para todas as crianças (Alun@ ET – 5º ano, 10 anos).

Para os *Alphas*, as falhas existem, mas se adequam a materiais tangíveis como: mesas, cadeiras, estantes, ventiladores e melhoria do acervo. Assim se verifica que o discurso dos alunos sobre a gaps na estrutura da biblioteca Dr Tuffy Nader, remetem a aspectos tangíveis – um lugar em que se falta reforma ou reparos (pintura, decoração, iluminação, arejamento, acústica). Haja vista que essa entrevista diagnóstica – realizada no segundo trimestre de 2009 – e um período após essa houve a compra pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de mesas, cadeiras, estantes, livros, reparos dos ventiladores e a compra de um computador para catalogação e classificação do acervo – a rede usa o software *Philos (Sophia)* e na biblioteca não havia computador.

O conhecimento e acesso à tecnologia surpreendem, mas esse é um fator tecnológico que está implícito a esta geração que não precisam de cursos de informática, por exemplo, já nascem inseridos nesta realidade. Destarte, a atuação do bibliotecário expressa medicamento na revolução da informação na era digital (que apresenta infociação decorrente do bombardeio constante de *fake news* e desinformação).

O bibliotecário tem uma missão e essa missão está diretamente relacionada com a evolução da sociedade, com arte de se reinventar profissionalmente – nesse processo se atrelada à necessidade social que envolve mais uma atmosfera além de livro, abarca os novos documentos digitais, recreação e digitalidades do convívio – sendo o bibliotecário um essencial mediador da leitura e aprendizados. Sabemos que nosso estudo é local e por isso pode ser considerado limitado, mas por conta dos resultados encontrados acreditamos que seria interessante repeti-lo ou continuá-lo em escala maior a fim de compreender a fundo a circulação dos enunciados e seus efeitos de sentido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida. Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede; deitado fazia degrau de escada; inclinado, encostava um no outro e fazia telhado. E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro para brincar de morar em livro. De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras. Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça. Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas. Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação (NUNES, 1990. p. 7).

No decorrer deste estudo, depreendemos que as formações imaginárias, que são as imagens que o interlocutor constrói sobre si, sobre o outro e sobre o objeto do discurso, são diferentes dependendo da posição que o profissional da informação exerce discursivamente. Retomemos nossos objetivos para demonstrar como foram atingidos:

A cidade de Vila Velha é dividida em 5 regiões: 1, 2, 3, 4 e a região 5 onde localiza a UmeF Dr Tuffy Nader; essa região é considerada mais carente e periférica, por possuir um poder aquisitivo menor, menor desenvolvimento socioeconômico, moradores da periferia, a maioria nunca conheceu outra biblioteca e nem tem acesso a livros fora da biblioteca. Portanto, essa pesquisa com os *Alphas* ocorreu no mês de maio de 2019, quando a biblioteca carecia de recursos, e nos meses de outubro a dezembro foi provido pela Secretaria de Educação (SEMED) o conserto dos ventiladores, a troca de lâmpadas, compra de mesas, cadeiras, estantes, carrinho para guarda de livros, bibliocantos, porta revista, armário para alunos, armário para televisor (embora falte a TV), e compra de livros – 780 exemplares de literatura geral e 450 de autores capixabas; – além disso, foi entregue um computador para a catalogação do acervo, visto que a rede já possuía o *software Sophia*.

Dessa forma, as imagens formadas a partir do processo das formações imaginárias, mostra que os alunos *Alphas* têm visões não antagônicas e que remetem a dois parâmetros: I) a representação da imagem da biblioteca escolar; e II) o coexistir de algumas lacunas para ter a qualidade na ambiência em torno da esfera da biblioteca.

Em meio a esse cenário, o bibliotecário, principalmente os que atuam nas bibliotecas escolares, espaço de especificidade para a formação de leitores, devem assumir uma postura mediadora quanto a essa nova Geração denominada *Alpha*. De fato, a biblioteca em geral é vista pela Geração *Alpha* como um espaço ‘dinâmico’ e de uso constante da comunidade escolar, e para que a ‘prática da leitura’ se torne prazerosa e significativa, haja visto que as

tecnologias acompanharam o desenvolvimento humano, será preciso que cada vez mais sejam incorporadas nas suas ações.

Portanto, o profissional da informação, deve cumprir o seu papel de mediador de forma dinâmica, criativa, prazerosa, que se reinvente sempre, e que esteja sempre se atualizando para incentivar esses novos leitores a viajem pela literatura como um caçador que percorre terras e países distantes! E, conforme Ortega e Gasset (2006, p. 45), o bibliotecário deve “orientar o seu leitor no descobrimento dos livros, a viajar pela literatura, ser o médico, o higienista de suas leituras”.

A condução de um estudo em escala ampliada (Região Metropolitana da Grande Vitória) pode ser conveniente para se apreender a memória discursiva acerca da representação da biblioteca e do profissional da informação em suas interações com os *Alphas*; isso circunda o entender o que circula nos enunciados com base em memórias locais e no interdiscurso de retentivas para a coletividade. Assim, um norte se aponta: necessário se faz um moderno profissional da informação (MPI) com formação inicial e continuada que tenha compreensão do seu papel ‘mediador’ em práticas laborais e reflexivas, e atue nos inúmeros papéis exigidos por seus usuários e pela infoera.

Grosso modo, a biblioteca escolar é um espaço democrático conquistado e construído através do fazer coletivo de alunos, bibliotecários, professores e demais grupos sociais; a função básica da instituição é a transmissão – da herança cultural e – de informações e sirvam no enfrentar de desafios do presente e para se empoderar e projetar os novos e vindouros empreendimentos da existência.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Eugênia Albino. A biblioteca faz a diferença. In. CAMPELLO, Bernadete Santos *et al.* **A Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 13-15.

ANDRION, Roseli. Geração alpha: o que esperar dos jovens que já nasceram ultra conectados. **Olhar digital**, [S. l.], 13 jun. 2020. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/video/geracao-alpha-o-que-esperar-dos-jovens-que-ja-nasceram-ultraconectados/102106>. Acesso em: 17 out. 2019.

ARAÚJO, Iliana Maria de Almeida; OLIVEIRA, Marcos Venícius de; FERNANDES, Ana Fátima Carvalho. Compreensão do modelo de king sobre o paradigma do Interacionismo Simbólico. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 58, n. 6, p. 715-718, dez. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672005000600016>. Acesso em: 17 fev. 2019.

BASTOS, Gustavo Grandini; PACÍFICO, Soraya Maria Romano; ROMÃO Lucília Maria Souza. Biblioteca escolar: espaço de silêncio e interdição. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 621-637, 2020. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3238/2878>. Acesso em: 27-jun.-2020.

CARVALHO, Sandra Maria Souza de; ALDABALDE, Taiguara Villela; MIGUEL, Marcelo Calderari. Nativos digitais e seus olhares para a imagem da biblioteca escolar: a visibilidade do bibliotecário como mediador da informação na rede municipal de educação de Vila Velha, ES, Brasil. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 1-23, 2020. DOI: 10.11606/issn.2238-5894.berev.2020.164891. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/164891>. Acesso em: 26 set. 2020.

CAMPELLO, Bernadete Santos. A competência informacional na educação para o século XXI. In. CAMPELLO, Bernadete Santos *et al.* **A Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 9-11.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 79 p.

COURTINE, Jean Jacques. **Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Clara Luz, 2007.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na escola. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 124-131, ago. 2005. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/380/460>. Acesso em: 4 jul. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2014. 253 p.

FÚRIA, Fernanda. Entenda as diferenças entre as gerações X, Y, Z e Alpha. **Playground da inovação**, Florianópolis, jun. 2014. Disponível em: <https://www.playground-inovacao.com.br/entenda-as-diferencas-entre-as-geracoes-x-y-z-e-alpha/>. Acesso em: 27 jun. 2019.

FURTADO, Cássia Cordeiro. Geração Alpha e a leitura literária: os aplicativos de literatura - serviços incentivam a prática? **RBBB**, v. 15, p. 418-431, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/134499>. Acesso em: 4 jul.-2020.

FURTADO, Cassia Cordeiro; OLIVEIRA, Lídia. Literatura-serviço: a literatura infantil para a geração Alpha. **Páginas A&B**, Arquivos e Bibliotecas (Portugal), n. Especial, p. 60-73, 2020. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasaeb/article/view/7820>. Acesso em: 04-jul.-2020.

GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pacheux**. Campinas: UNICAMP, 1997.

IFLA. Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. [S. l]: UNESCO, 1999. Disponível em:

<https://www.ifla.org/publications/iflaunesco-school-library-manifesto-1999>. Acesso em: 30 abr. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005. 315 p.

MAROTO, L. H. **Biblioteca escolar, eis a questão**: do espaço do castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MARTINS, Milena Ribeiro. Três Questões Sobre Formação De Leitores: Bibliotecas Escolares, Prática De Leitura E Fragmentação. **Revista De Letras Juçara**, Caxias, v. 3, n. 2, p. 6-17, 31 dez. 2019. Disponível em:

<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2049>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MCCRINDLE, Mark. **Understanding Generation Alpha**. New South Wales: The McCrindle Blog, 2009. Disponível em: <https://mccrindle.com.au/insights/blog/gen-alpha-defined/>. Acesso em: 21 mar. 2020.

MILL, Daniel (org.). **Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação à distância**. Campinas: Papirus, 2018. p. 290-301.

MUSSIO, Simone Cristina; VALIDÓRIO, Valéria Cristiane; SILVA, William Barbosa da. A influência das tecnologias no comportamento das gerações atuais: ferramentas para o aprendizado de línguas estrangeiras. **Revista CBTECLE**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-21, 2019. Disponível em: <https://revista.cbtecle.com.br/index.php/CBTECLE/article/view/112019177>. Acesso em: 4 jul.-2020.

NUNES, Lygia Bojunga. **Livro: um encontro com Lygia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

OLIVEIRA, Verônica Alves de; CRUZ, Breno de Paula Andrade. Geração Alfa e as possibilidades de futuras pesquisas em marketing. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO E MARKETING DA ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING - ESPM, 9., 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ESPM, 2016. p. 1-13. Disponível em: <http://ocs.espm.br/index.php/simposio2016/C2016/paper/view/33>. Acesso em: 4 de maio 2020.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros; 2006. 82 p.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do obvio. Campinas: Unicamp, 1995. 317p.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 218 p.

SEVERINO, Amanda Vilamoski; BEDIN, Sonali Paula Molin. O bibliotecário como disseminador da informação nas escolas. *In*: BLATTMANN, Úrsula; VIANNA, William Barbosa (org.). **Inovação em escolas com bibliotecas**. Florianópolis: Dois Por Quatro, 2016. p. 113-135.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: quem cuida? *In*: GARCIA, Edson Gabriel;

NERY, Alfredina (org.). **Biblioteca escolar**: estrutura e funcionamento. São Paulo: Loyola, 1989, p. 27-23.

VIEGAS, Raissa Oliveira de Melo Costa. **Geração *alpha***: um estudo de caso no núcleo de educação infantil da UFRN. 2015. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/handle/123456789/3656>. Acesso em: 14 de maio 2020.